

## OS PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS ESCOLARES EM CAMPO BOM, SAPIRANGA E NOVO HAMBURGO/RS (1930-1934)<sup>1</sup>

### THE CONSTITUTION PROCESSES OF SCHOOL GROUPS IN CAMPO BOM, SAPIRANGA AND NOVO HAMBURGO/RS (1930-1934)

*José Edimar de Souza*<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** Nas últimas décadas os estudos locais/regionais têm motivado diferentes pesquisadores. A dimensão regional representa uma possibilidade para ampliar as lentes teóricas diante de uma diversidade empírica de fontes documentais, orais, icnográficas preservada em arquivos públicos e também arquivos pessoais, a partir da perspectiva da História Cultural. Objetivo foi investigar a história de instituições escolares, os processos e práticas de escolarização do ensino primário desenvolvidas nos grupos escolares de Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga, três importantes municípios do Vale do Rio dos Sinos, entre 1930-1934. O modelo dos Grupos escolares influenciou concomitantemente na concepção arquitetônica da escola, bem como na composição material, da forma de organização e escolarização.

**Palavras-chave:** Instituições escolares; Grupo escolar; Processo de escolarização.

---

**ABSTRACT:** In recent decades, local/regional studies have motivated different researchers. The regional dimension represents a possibility to broaden the theoretical lens in view of an empirical diversity of documentary, oral and ichnographic sources preserved in public archives and also personal archives, from the perspective of Cultural History. The objective was to investigate the history of school institutions, the processes and practices of schooling in primary education developed in school groups in Novo Hamburgo, Campo Bom and Sapiranga, three important municipalities in the Vale do Rio dos Sinos, between 1930-1934. The model of School Groups simultaneously influenced the architectural design of the school, as well as the material composition, form of organization and schooling.

**Keywords:** School institutions; School group; Schooling process.

---

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela FAPERGS, projeto: "Grupo escolar no Vale do Sinos e na Serra Gaúcha no século XX: histórias, culturas e práticas" - Processo número: 21/2551-0002214-0 e pelo CNPq, projeto: "Grupo escolar no Rio Grande do Sul no século XX: culturas e práticas em perspectiva regional", processo número: 403268/2021-4.

<sup>2</sup> Doutor em Educação (UNISINOS). Professor da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

## 1. Introdução

Ao compor cenários sociais a história, em suas distintas perspectivas e metodologias proporciona entender os valores, os sentimentos, o acontecer da vida humana além dos fatos, sob diferentes perspectivas e contextos. A história cultural possibilitou ampliar os horizontes interpretativos de fontes e de fatos, passando a conceber a história nas suas múltiplas funções e possibilidades, fazendo avançar o conhecimento e qualificando as relações humanas.

Esta pesquisa compreende um estudo histórico de cunho analítico documental situado no campo da história da educação. Nesse sentido, buscou-se investigar a história de instituições escolares, os processos e práticas de escolarização do ensino primário desenvolvidas nos grupos escolares de Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga<sup>3</sup>, três importantes municípios do Vale do Rio dos Sinos, valendo-se de documentos acessados em acervos de diferentes arquivos.

Ao analisar e compreender a partir de práticas, representações e cultura os processos de escolarização constituídos na primeira metade do século XX, especialmente, sobre os grupos escolares, que possibilita refletir sobre as políticas estabelecidas, os modos de constituição e organização dos saberes e práticas escolares desenvolvidos em um determinado espaço e tempo. Para Viñao Frago e Escolano Benito (2001, p. 26):

[...] o espaço-escola não é apenas um 'continente' em que se acha a educação institucional, isso é, um cenário planejado a partir de pressupostos exclusivamente formais no qual se situam os atores que intervêm no processo de ensino-aprendizagem para executar um repertório de ações.

O espaço escolar é investigado como uma construção social e cultural e que considera as representações da arquitetura e da gramática de escolarização a partir de um sistema de valores, de ordem, de suas estratégias e táticas. Desse modo, a simbolização em torno da instituição escolar, reconhece suas potencialidades culturais e pedagógicas que marcaram etapas de criação,

---

<sup>3</sup> Inicialmente a denominação das instituições era apenas associada com o nome do município, ou "grupo escolar da vila", indicando a condição do território (se era distrito, vila ou município). Na criação havia essa particularidade que se alterava na mudança de designação ou na definição da nova identificação.

constituição, trajetórias docentes e estudantis e sobretudo, forjaram identidades locais em diferentes partes do nosso Estado.

Pesquisar a história da escola significa considerar as inúmeras variáveis possíveis de investigação, como argumenta Grazziotin (2019): formação de professores, práticas pedagógicas, arquivos escolares, organização do ensino, etc. A ampliação das novas temáticas e metodologias utilizadas nas últimas décadas para investigar as instituições escolares reconhece a força que a história cultural produziu neste campo.

Nosella e Buffa (2013) argumentam que a história das instituições podem ser organizadas em três fases: a primeira se caracteriza pela criação dos programas de pós-graduação no Brasil, entre as décadas de 1950 e 1960; a segunda se refere à expansão desses programas de pós-graduação, no contexto da ditadura Civil Militar, entre as décadas de 1970 e 1980 e a terceira está associada a consolidação da pós-graduação, a partir da década de 1990, momento em que há inclusão de novas temáticas como objeto de estudo. Nesse sentido, a instituição escolar passou a ser investigada a partir de uma diversidade teórica e metodológica. Para Grazziotin (2019), os efeitos da consolidação no Rio Grande do Sul se percebem na criação e ampliação de Programas de Pós-graduação em Educação, bem como de linhas de pesquisas voltadas à história da educação, das instituições e dos processos e práticas educativas.

Para Souza e Faria Filho (2006, p. 15), associado ao eixo de investigação das instituições escolares o interesse pela cultura escolar também fora uma das temáticas que emergiram como centro de interesse aos pesquisadores, a partir da década de 1990 e sintetiza, “pode-se dizer que essa história significou uma redescoberta do ensino primário”.

Rosa Fátima de Souza (2019) argumenta que a temática dos grupos escolares, tratadas em perspectiva nacional, está por ser escrita. E que os estudos pioneiros em dimensões regionais cobrem as primeiras décadas do século XX, por exemplo, o trabalho de Rosa Fátima de Souza (1998), em São Paulo; Faria Filho (1996), em Minas Gerais; Amâncio (2008) e Sá e Silva (2011), no Mato Grosso; Pinheiro (2002), na Paraíba; Silva (2015), no Maranhão; Azevedo (2009), em Sergipe; Azevedo e Stamatto (2012), em Sergipe e no Rio Grande do Norte, Peres (2000) e, José Edimar de Souza (2020, 2021) sobre o Rio Grande do Sul, entre

outros<sup>4</sup>. A história dos grupos escolares se confunde com a história do ensino primário no Brasil. E começaram a ser implantadas no Estado de São Paulo, a partir de 1890, de acordo com Rosa Fátima de Souza (2004). O contexto republicano contribui para implantação destas instituições escolares, sobretudo a influência do positivismo científico brasileiro e a crença de que, pela educação pública, se alcançaria a manutenção e desenvolvimento da nova estrutura política nacional.

A base para este novo modelo<sup>5</sup>, mais complexo, racional e moderno de organização da escola situava-se, principalmente na experiência da escola norte-americana. Além disso, esse modelo de escola graduada<sup>6</sup> estava se difundindo, guardadas as particularidades, em diferentes países do mundo, com a difusão do método intuitivo ou lições de coisas<sup>7</sup>. É fundamental destacar a figura do intelectual brasileiro Rui Barbosa que junto com outros intelectuais da elite brasileira considerava necessário e ideal este modelo de educação para a população, a fim de que seria indispensável para construção de uma ideia de nação (SOUZA, 2004).

Vidal (2006) acrescenta que os grupos escolares foram responsáveis por aglutinar em um mesmo edifício antigas escolas isoladas, organizando professores em séries que passavam a corresponder ao ano civil e eram concluídas pela aprovação ou retenção dos alunos em exames finais.

Essa nova organização produziu uma nova gramática no cotidiano escolar, com a obrigatoriedade e o controle de frequência. Além da figura do diretor, oferecendo organicidade, novos ritos e símbolos foram associados à escola pública

---

<sup>4</sup> Não querendo incorrer em esquecimento de trabalhos significativos para a temática, mas dado o espaço desse artigo, é relevante citar ainda que muitos dossiês foram produzidos, demonstrando a importância do tema para história da educação, destaco um dos mais recentes trabalhos, produzidos por Santos e Vechia (2019).

<sup>5</sup> Nesse sentido, representam uma nova fase da história da escolarização, mais autônomo e independente, como argumenta Faria Filho (1996).

<sup>6</sup> Rosa Fátima de Souza (2004) indica que seria aquela escola orientada por um sistema vertical de ensino, com cursos e níveis que se sucedem. Dentre as características está: o agrupamento de alunos classificados por critério de nivelamento; professores designados para cada grau de ensino; equivalência entre um ano escolar do aluno e um ano de progresso instrutivo; determinação prévia dos conteúdos das diferentes matérias para cada grau; promoção rígida e inflexível dos alunos grau a grau, entre outros.

<sup>7</sup> O método intuitivo ou lição de coisas que se disseminou no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, baseava-se nos princípios teóricos de Pestalozzi e Froebel e cuja influência avança as primeiras décadas do século XX. Este método era entendido como um eficiente instrumento pedagógico para formar alunos com domínio suficiente em leitura, escrita e noções de cálculos e se alcançar a modernização pedagógica. (SOUZA, 2015).

primária. Para Vidal (2006) a homogeneidade à escolarização também contribui para produzir uma nova hierarquia pública funcional, disseminando novos valores e normas sociais. Rosa Fátima de Souza (2004) acrescenta que três fundamentos são indispensáveis nessa nova racionalidade atribuída ao ensino primário: a classificação dos alunos, um plano de estudos e o emprego do tempo.

Para Oliveira e Warde (2021), em ampla revisão de literatura sobre os tipos de escola, consideram que os estudos pioneiros de Rosa Fátima de Souza (2004) e o modo como suas pesquisas têm desdobrado<sup>8</sup> a temática dos grupos escolares, reunido investigadores de diferentes partes do país, permitem que se trabalhe com a hipótese de o grupo escolar ter se tornado hegemônico e uma referência, de eficácia e eficiência, para estabelecimento e classificação dos demais tipos escolares<sup>9</sup>.

Os grupos escolares também aparecem em algumas tipologias como: escola modelo, escola central, escola graduada. Sabe-se que as escolas de formação de professores, com alteração dos regulamentos, também incluíam classes de aplicação, ou como referência de escolas para as demais tipologias. Especialmente, as escolas reunidas e as escolas isoladas, em maior número em todo país, tinham nos métodos de ensino e na figura docente representações daquilo que, foi durante muito tempo, associado com a modernização pedagógica.

Os primeiros colégios elementares foram criados no Rio Grande do Sul a partir de 1909, e foram instalados nos grandes centros urbanos. Em 1909, havia sido construído Colégios Elementares em Bento Gonçalves, em 1912 em Caxias do Sul e em 1913 em São Leopoldo, sendo um dos primeiros municípios da região analisada (Vale dos Sinos). Nesse sentido, os colégios elementares surgiram da fracassada iniciativa da escola complementar. O Decreto n. 1.576, de 27 de janeiro de 1910, e o Decreto n. 1.575, de 27 de janeiro de 1910, respectivamente, referem-se ao regimento interno e aos novos programas de ensino destes colégios.

Bastos e Tambara (2011) acrescentam que, diferentemente de outros estados brasileiros, como São Paulo, que implantou no final do século XIX os

---

<sup>8</sup> Do grande número de estudos, cita-se como exemplo, Souza; Pinheiro e Lopes (2015).

<sup>9</sup> A investigação ainda apresenta diferentes nomenclaturas associadas ao ensino primário na primeira metade do século XX, como sinônimo e/ou aproximação ao grupo escolar, bem como aquelas que se diferenciavam dos critérios estabelecidos para a tipologia de escola graduada.

grupos escolares, no Rio Grande do Sul a influência desta reforma do ensino deriva da proximidade com os países platinos, como o Uruguai.

Os colégios elementares pretendiam substituir as antigas escolas elementares<sup>10</sup>, de primeiras letras, cujo foco concentrava-se no ensino da leitura, escrita e dos cálculos e se concentravam em sua maioria no espaço rural. Em contrapartida, o colégio elementar sugeria a divisão dos alunos em diversas salas, funcionando em um único prédio, de modo simultâneo (SOUZA, 2020). Nesse sentido, o ensino foi dividido em três classes com duas seções compreendendo 6 anos de escolarização. A partir da década de 1915, os primeiros grupos escolares (escolas reunidas<sup>11</sup>) são instalados no Rio Grande do Sul e figuram ao lado dos colégios elementares até final da década de 1930. No contexto da modernidade pedagógica, o ensino primário se consolidou no Rio Grande do Sul, na década de 1930. Peres (2016) acrescenta que, em 1939, as escolas urbanas foram denominadas de grupos escolares, embora na prática nem todas as escolas apresentassem a estrutura de tal proposta institucional.

Peres (2016) argumenta ainda que algumas modificações, na estrutura de organização das classes, aconteceram, posteriormente, à criação dos colégios, como em 1916, promovidas pelo Decreto n. 2.224, de 29 de janeiro de 1916, que propôs a divisão do ensino em inferior (três seções), médio e superior (duas seções). Uma nova orientação, estabelecida pelo Decreto n. 3.903, de 14 de outubro de 1927, reformulou o ensino primário, que voltou a contar com três classes subdivididas em seções, definidas da seguinte maneira:

[...] Este continuava sendo ministrado em escolas isoladas (um só professor/uma só classe com no mínimo, 45 alunos nas escolas urbanas, 40 nas suburbanas e 15 nas rurais), em grupos escolares (escolas reunidas em um prédio único – três ou mais professores e até 200 alunos) e nos colégios elementares (com uma matrícula

---

<sup>10</sup> Para Tambara (2016, p. 12), as escolas elementares ou colégios distritais faziam parte da implantação do projeto republicano para instituir “um divisor de águas entre o antigo e o novo regime”, instituídas em 1901. Nesse projeto, consta a intensificação do ensino laico e obrigatório, a opção pelo ensino intuitivo a constituição da figura do diretor de escola nas escolas graduadas, a atribuição a estados e municípios da gestão e implantação deste nível de ensino, o que implicou um processo de municipalização, a coeducação e a feminização do magistério. A “forma republicana” previa a liberdade de ensino como premissa de atuação do estado e a criação de colégios distritais. Os colégios distritais seriam instituídos onde o estado verificasse a necessidade deles, bem como em quantas classes e professores fossem necessárias. Dentre os professores, um deles seria o diretor seria indicado pelo presidente do estado, sob a proposta do inspetor geral.

<sup>11</sup> Geralmente criados em localidades que garantissem a frequência de pelo menos 200 alunos e que o aluguel do prédio fosse custeado pelo município.

superior a 200 alunos e o número de professores que variava de cinco a oito). (PERES, 2016, p. 32).

Em 1927, conforme Almanack Escolar Do Estado Do Rio Grande Do Sul (DIRETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1935) havia no Rio Grande do Sul 1.307 aulas subvencionadas estaduais e 402 escolas isoladas, 48 colégios elementares e 26 grupos escolares. A nova regulamentação da instrução primária alterou significativamente a organização do ensino, ampliando os tipos de escolas. Além das escolas isoladas, dos grupos escolares e colégios elementares, a escola maternal e subvencionada<sup>12</sup>, bem como a escola complementar para formação de professores passou a figurar no rol de tipologias.

A construção dos grupos escolares parece ter sido uma estratégia encontrada pelo governo do estado para solucionar o problema da criação e ampliação do atendimento do ensino primário graduado, em condições mais modestas, uma vez que

Como não era possível em face da lei orçamentária, continuar as construções sumptuosas que exigem somas vultosas (800 contos per capita), resolveu adotar novo tipo de construção mais modesto como convém às democracias e com capacidade mínima para 300 alumnos, cujo valor não alcançava a 250 contos de réis cada um. (DIRETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1935, p. 27)<sup>13</sup>.

O modelo dos grupos escolares não se desenvolveu da mesma forma e nem ao mesmo tempo no início do século XX. Grosso modo, até a década de 1930 percebe-se iniciativas de implantação e entre 1930 e 1950, um esforço da administração pública para ampliar a oferta e o acesso à escola primária nesta nova forma de organização do ensino. Portanto, é importante ressaltar que a beleza e monumental estrutura dos prédios escolares não predominou em todas as regiões e nem mesmo nos estados de São Paulo e Minas Gerais. Em sua maioria prevaleceram as construções modestas, bem como maneiras adaptadas de instalações para os grupos. Percebe-se ainda, outras alternativas como ampliação

---

<sup>12</sup> Souza (2015) argumenta que a natureza da subvenção também funcionava de diferentes formas, em alguns casos combinando recursos de diferentes entes públicos (união, estado e município).

<sup>13</sup> Tratando-se de uma pesquisa no campo da história, optou-se em manter a redação original dos documentos.

das escolas isoladas, a criação das escolas reunidas, como uma estratégia intermediária para implantação dos grupos escolares<sup>14</sup>.

## **2. Os grupos escolares em Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga: processos de escolarização**

Uma instituição escolar é constituída por paredes, muros, dentre diferentes espaços, têm um mobiliário, objetos utilizados como materiais para professores e alunos. No entanto, compreendemos que é também um “lugar” de práticas, de rituais; de que existe uma organização de tempos e espaços apropriados pelos sujeitos que ali estiveram em um determinado período histórico na relação com o entorno da instituição. Magalhães (2010), analisando a realidade portuguesa, nos chama atenção para a potencialidade da correlação local - regional no estudo das instituições educativas. Nesse sentido, reconhecendo a perspectiva de renovação, interação social “sujeito-realidade”, ampliando fontes arquivísticas e conferindo sentido aos testemunhos abordados no contexto em emergem.

Compreender é explicar a realidade histórica de uma instituição [...] é integrá-la de forma interativa no quadro mais amplo do sistema educativo, nos contextos e nas circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influência. (MAGALHÃES, 2004, p. 133-134).

Para Gonçalves Neto e Carvalho (2020), as instituições escolares representam o entrecruzamento de um conjunto de particularidades que acontecem na sociedade, produzindo mudanças e transformações no ambiente e, conseqüentemente conflitos. Para Revel (2010, p. 119) “é uma condensação e uma concretização de representações sociais que se tornam ao mesmo tempo criadoras de identidade e de exigências no seio de um grupo”.

Em Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga a história da educação no município está associada à presença dos imigrantes alemães na região, a partir de 1826. Nesse sentido, o ensino primário, em Novo Hamburgo, começou a atender

---

<sup>14</sup> No Rio Grande do Sul, o status que os Colégios Elementares representaram, pode ser percebido nas narrativas de diferentes manifestações da comunidade de Novo Hamburgo, que durante anos pleitearam a elevação do grupo escolar Pedro II.



sua comunidade, a partir de 1832, quando foi construído o prédio escolar em que também funcionava a igreja. Esta primeira escola do município atualmente chama-se Pindorama, sendo uma das unidades da Instituição Evangélica. Na época, a escola era vinculada à Igreja Evangélica Três Reis Magos. Em 1859, o senhor Carlos Lanzer, primeiro professor formado em curso de magistério, assumiu a direção da Escola Evangélica em Hamburgo Velho.

Em Campo Bom, a escola fora instituída a partir de 1828 e era dirigida pelo pastor Frederico Christiano Klingelhöffer. Na igreja de Klingelhöffer, aos domingos, realizava-se o culto divino e, nos dias da semana, funcionava uma escola, cujo mestre era o próprio pastor. No município de Sapiranga a escola da comunidade era dirigida pelo pastor João Jorge Klein, que ministrava as aulas em sua residência. Essa escola originou a mais antiga instituição e que ainda se encontra em funcionamento, o atual Instituto Sinodal Duque de Caxias, fundado no ano de 1850.

Os imigrantes alemães instituíram as escolas comunitárias em diferentes localidades e, além do ensino doméstico, realizado pelos familiares, utilizando a “ardósia” – pedra pra riscar as primeiras letras – foi com a implantação das primeiras cadeiras de ensino primário que uma rede de ensino público começou a ser construída em nossa região. Campo Bom, em destaque na figura 1, é pioneira no que se refere à escolarização dos imigrantes alemães, pois desde 1826 possuía a escola étnica ou escola da comunidade Trindade, instituição atualmente identificada como Colégio Sinodal Tiradentes, uma das mais antigas do sul do Brasil.

**Figura 1** – Campo Bom, 1926.



**Fonte:** Stocker Júnior (2010)<sup>15</sup>.

Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga são municípios do Vale dos Sinos, situado no estado do Rio Grande do Sul e localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre situadas a aproximadamente 50 km da capital do Estado. Na história do seu processo de emancipação, todas as localidades estão vinculadas a São Leopoldo. O primeiro distrito a se emancipar fora Novo Hamburgo, em 5 de abril de 1927, processo que motivou e originou iniciativas para que os municípios vizinhos, como Campo Bom e Sapiranga se emancipassem nas décadas seguintes.

Do conjunto dos distritos da antiga Colônia, Novo Hamburgo foi pioneira no processo emancipacionista. Isto se deve ao fato, de que desde o final do século XIX existia um próspero crescimento artesanal e industrial. Este episódio se caracteriza como um dos mais importantes para a história das Câmaras municipais do Rio Grande do Sul, considerando o enfrentamento feito pelo poder legislativo de São Leopoldo, ao “poderoso Borges de Medeiros”, que havia se posicionado favorável a petição realizada pela frente emancipacionista de Novo Hamburgo, liderada por Pedro Adams Filho (GERTZ, 2006).

Campo Bom e Novo Hamburgo, destacavam-se como importantes contribuintes para receita de São Leopoldo, aspecto que gerou alguns tensionamentos com a emancipação de Novo Hamburgo. Além disso, são municípios pioneiros na exportação de produtos do setor coureiro-calçadista.

---

<sup>15</sup> Álbum Fotográfico lançado na ocasião da elevação a distrito de São Leopoldo, em 1926. (Recuperada dos Acervo digital de Roberto Atkinson/extraído do acervo do memorial do trem).

Campo Bom realizou a 1ª. Feira de Amostras de Produtos Industrializados do Vale dos Sinos (1960), que originou a FENAC (Feira Nacional do Calçado), em Novo Hamburgo (1963). Em uma tentativa de reativar os primórdios desta 1ª. Feira, em 2006 surge a Festa do Sapato que se encontra na sua 7ª edição (2018).

A emancipação de Sapiranga e de Campo Bom só ocorreu na década de 1950. No caso do primeiro município, em 28 de fevereiro de 1955 e do segundo, apenas em 31 de janeiro de 1959.

Outro aspecto importante além das ações pela emancipação política foi a continuidade do processo de expansão da educação pública, manifestação da propaganda republicana que se estendeu ao longo da primeira metade do século XX.

Proclamada a República, a escola foi, no Estado de São Paulo, o emblema da instauração da nova ordem, o sinal da diferença que se pretendia instituir entre um passado de trevas, obscurantismo e opressão, e um futuro luminoso em que o saber e a cidadania se entrelaçariam trazendo o Progresso. Como signo da instauração da nova ordem, a escola devia fazer ver. Daí a importância das cerimônias inaugurais dos edifícios escolares. O rito inaugural repunha o gesto instaurador. (CARVALHO, 2003, p. 23).

No caso do Rio Grande do Sul, Bastos (2005), argumenta que na década de 1930, a escola assumiu um caráter estratégico na obra da reconstrução nacional. Como política social, a escola seria a instituição legítima para imprimir na sociedade “certa unidade de pensamento”. O nacionalismo estava presente nas discussões, debates e realizações do governo Estadual desde o início do século XX, visível, por exemplo, nas subvenções escolares que contribuem para este projeto de governo. Entre 1930 a 1945, ocorreu crescimento do número de escolas públicas, ora pelo aspecto da subvenção, em função do processo de nacionalização do ensino, como já foi referido anteriormente, ora pela criação de novas instituições de ensino. Além disso, outras ações que envolveram a instância educativa contribuíram para qualificar o ensino público gaúcho.

Embora a presença das escolas isoladas tenha figurado ao lado das escolas paroquiais e dos colégios étnicos, é na década de 1930, que se percebe de forma mais estruturada a edificação e institucionalização dos grupos escolares. O ensino público primário começou a se efetivar nestas localidades em 14 de julho de 1930, com a criação do grupo escolar de Novo Hamburgo, posteriormente identificado como D. Pedro II.

O grupo escolar inicialmente fora instalado na Rua 1º de março, n. 42, “[...] de forma precária, em um prédio de madeira, que anteriormente era uma fábrica de banha”, como relata Gastão Spohr ([1965?])<sup>16</sup> em suas reminiscências. Em matéria publicada em *O 5 DE ABRIL, de 1935*, indica que na sua criação havia 7 professores para 170 alunos. E em 1935, já ultrapassava a marca de 400 alunos e onze professores.<sup>17</sup> E a denominação “Pedro II” foi atribuída apenas em 1933 e em 1942 é construído o novo prédio<sup>18</sup>, instalado na Rua Borges de Medeiros, como se identifica na imagem da figura 2 (matéria de *O 5 DE ABRIL* da época) (*O 5 DE ABRIL*, 1942). Entre os primeiros professores cita-se Elvira Brandi Grin, uma educadora de referência no município. O primeiro diretor foi o professor Jardelino Petersen<sup>19</sup>.

**Figura 2 – Novo edifício do Grupo Escolar D. Pedro II (1942).**

---

<sup>16</sup> SPOHR, Gastão. Reminiscências. Acervo do Colégio 25 de julho, folhas avulsas. Arquivo. Geral 1990. 2 folhas datilografadas [1965?]. O primeiro aluguel teria sido de quatrocentos mil réis aos proprietários irmãos Albino e Ervino Schmitt.

<sup>17</sup> No grupo escolar, os 400 alunos eram atendidos da seguinte maneira: “4 secções de analfabetos dirigidas pelas professoras Izabel Tschiedel, Elvira Brandi, Frederica Pacheco e Honorina L. Nunes; 2 primeiros anos, dirigidos pelos prof. João Pereira da Rosa e Dionéa Macalão; 2 segundos anos dirigidas pelas profs. Christiana Haag e Dora Santiago; um 3º e 4º ano dirigidos pelo diretor Jardelino Petersen e finalmente os 6º e 7º anos dirigidos pela professora Nair Becker. A instrução physica é ministrada pelas prof. Nair Becker e Dionéa Macalão; a instrucção religiosa (Catholica) é feita semanalmente e com grande devotamento pelo snr. Vigário Schimoeller [...]” (*O 5 DE ABRIL*, 1935). Nesse mesmo ano, cabe destacar que havia duas bibliotecas na instituição. Atuando como bibliotecárias as professoras Elvira Brandi e Zozina Soares. “Foram creadas 2 bibliothecas, uma infantil, para as secções mais adiantadas, com um número de 200 obras, entre ellas o conhecido Thesouro da Juventude e a pedagógica e didática para consulta dos srs. Professores, num total de 80 volumes, entre eles o Diccionario Internacional e Enciclopédia” (*O 5 DE ABRIL*, 1935).

<sup>18</sup> A empresa contratada para construção do novo prédio foi Haessler & Woebcke LT, e ficou pronto em 2 de dezembro de 1941.

<sup>19</sup> De acordo com Spohr ([1965?]), Jardelino Petersen era natural de Taquara e permaneceu como diretor do educandário até 1937, quando foi substituído pela professora Nair Maria Becker. Jardelino, posteriormente foi removido para a Coletoria Estadual, onde se aposentou como funcionário público.



**Fonte:** O 5 DE ABRIL (1942).

Distante de realizar aqui uma genealogia sobre a história institucional<sup>20</sup>, destaca-se que em 31 de julho de 1954 foi criado o curso Ginásial, em 1959, a instituição transforma-se em Colégio Estadual 25 de Julho e e em 1966<sup>21</sup> foi criada a escola normal. Em 1978, criou-se a Escola Estadual de 1º e 2º graus 25 de Julho, atualmente identificada como Colégio Estadual 25 de Julho.

A proposta pedagógica, a figura do diretor, a estrutura arquitetônica, bem como a cultura escolar instituída com os grupos escolares apresenta-se como uma propaganda de modernização do ensino até então desenvolvidos nestas regiões. A possibilidade da seriação, a presença de um diretor acompanhando e supervisionando o trabalho docente, também agregam nesta perspectiva a

---

<sup>20</sup> Conforme consta em matéria publicada desde 1935 em O 5 DE ABRIL, "o elevado número de alunos do grupo escolar e as diferentes instituições que funcionavam no mesmo: caixa escolar, biblioteca e inúmeras campanhas pela alfabetização (considerando a particularidade de se ensinar a língua pátria), as iniciativas para ajudar as famílias carentes, a intenção de elevar o grupo escolar à categoria de Colégio Elementar". Em 1936, na edição de 5 de junho de 1936 (O 5 DE ABRIL, 1936), publica-se diferentes manifestações de setores da sociedade, dentre eles do prefeito municipal, da Associação Hamburguesa de Esportes Atléticos (AHEA). Destaco a passagem do Diretor da Instrução pública do Estado, Affonso Guerreiro Lima "A elevação desse Grupo a Colégio Elementar é, sem dúvida, um acto de inteira justiça, em vista do grau de prosperidade a que attingio pelo esforço e competência de todos os que nelle trabalham. Entretanto, como a instrução publica, por força da reforma constitucional, está em pleno período de remodelação, torna-se necessário aguardar a elaboração do Código da Educação, que regulará o assumpto e concretizará a justa aspeiração dessa localidade e de outras do Estado" (O 5 DE ABRIL, 1936).

<sup>21</sup> Pelo Decreto n. 17.865, de 15 de abril de 1966, criou Curso Normal de grau colegial, transformou grupo escolar em Escola normal e o Curso primário em Curso de Aplicação.

qualidade pedagógica e formativa. Ao analisar os documentos percebe-se que havia uma expectativa ainda sob influência do próprio positivismo de que esta escola poderia contribuir para manutenção do regime republicano.

Em Novo Hamburgo, as professoras estaduais do grupo escolar, durante muito tempo, foram referência no processo de formação de outros professores, sobretudo para as professoras de escolas isoladas, como identificado em outro estudo (SOUZA, 2015). Além disso, muitos docentes da instituição ocuparam cargos de gestão em diferentes situações da história da educação do município. Como é o caso da professora Nair Becker, que fora Delegada de Ensino ou ainda como Suely Glória Fontana Copetti que exerceu atividades na Secretaria Municipal da Educação e atuou ainda no processo de implantação do Ensino Superior, com a criação da FEEVALE.

O grupo escolar representava o espaço culminante das ações sociais no que se refere educação, mobilizando e envolvendo a comunidade em diferentes projetos. Ainda em relação à formação, como se identifica a seguir, a escola realizou em 1931, a Semana da Educação, promovida pela Associação Brasileira de Educação, com uma programação que envolvia participação de professores das escolas estaduais, das subvencionadas e rurais, bem como das escolas municipais.

#### GRUPO ESCOLAR

Foi installada, no dia 13 deste mez no Grupo Escolar desta Villa a Semana da Educação, patrocinado pela Associação Brasileira de Educação, sediada no Rio de Janeiro.

Para que se revistisse de maior interesse, as discussões do programa elaborado, foi convidado especialmente para comparecer às sessões, **o Sr. Cel. Prefeito** e demais autoridades, bem como algumas **pessoas gradas**.

#### **Programa das conferencias:**

Dia 13, dissertação a cargo do Director do Grupo, Sr. Jardelino Petersen.

Thema: "A emancipação mental do Brasil; problemas sociaes e políticos correlacionados com a **educação popular**, especialmente pelo ensino agrícola".

Dia 14, a cargo da professora Srta. Zozina Ferreira Soares.

Thema: "A escola regional nos seus aspectos: urbana, rural, marítima e fluvial. A prosperidade nacional pela educação no trabalho apropriado às diversas zonas do paiz".

Dia 15, a cargo do professor João Pereira da Rosa.

Thema: "A escola marítima e fluvial e os seus cursos de pesca. Apparelhamento necessário a esses estabelecimentos de educação e futuro immenso dessa industria".

Dia 16, a cargo da professora d. Frederica Schütz Pacheco

Thema: "A educação rural. O problema brasileiro e a sua economia".

Dia 18, (Dia da Bôa Vontade) a cargo da professora Srta. Christiana Haag.

Thema: " A educação dos adultos. Importancia do ensino e methods específicos relativos aos meios urbanos e ruraes.

Dia 20, a cargo da professora d. Elvira Brandi Grin (O 5 DE ABRIL, 1931, p. 2, grifo original do jornal).

Entre as décadas de 1930 e 1950, a visão de uma pedagogia da Escola Nova perpassa práticas de diferentes escolas no estado, identifica-se que atividades com cartazes, ilustrações, com esquemas explicativos constituíam uma estratégia didática sob a égide da intuição e da contextualização dos saberes no desenvolvimento da aprendizagem, bem como de forte cunho nacionalista e que se evidencia nos programas de formação.

A escolarização primária em Campo Bom nas primeiras décadas do século XX ainda preservava aspectos da forma de escola doméstica, até a década de 1930 a população em idade escolar era atendida pela escola da comunidade evangélica, o atual Colégio Sinodal Tiradentes, pelas aulas públicas federais instaladas em algumas localidades do distrito, bem como aulas públicas estaduais e municipais<sup>22</sup>. O registro nos relatórios da intendência municipal indica um pequeno número de aulas e a existência do grupo escolar de Campo Bom, organizado a partir da reunião de algumas aulas que funcionavam na região central do referido distrito.

Em Campo Bom, a história do grupo escolar implantado em 1933 se relaciona com a presença da 15ª. Aula Pública implantada em 1926, com a chegada à localidade de Campo Bom, da professora Ida Guilhermina Knieling de Souza, como se identifica na fotografia da figura 3, abaixo:

**Figura 3** – Aula da professora Ida Guilhermina K. de Souza (1926).

---

<sup>22</sup> Dreher (1992), indica que haviam 5 escolas em Campo Bom, em 1930: a escola primária particular evangélica; escola particular católica; escola primária federal; escola primária municipal e a escola primária estadual. No Almanaque Escolar do Estado do Rio Grande do Sul, organizado pela Diretoria da Instrução Pública de 1934, consta: apenas o grupo escolar de Campo Bom e uma Aula Pública Federal, sob regência das professoras Glória Velho e Amália de Oliveira e Silva; havia ainda aulas subvencionadas pelo município dos professores Antonio Anschau e Gustavo Foerster, professora Luiza Knieling.



**Fonte:** Stocker Júnior (2010).

O grupo escolar que teve diferentes denominações foi criado em 22 de agosto de 1933, tendo como patrono o engenheiro Ildefonso Soares Pinto. O senso de ação comunitária e a mobilização dos moradores para ter escola também se estendeu à implantação de instituições públicas, talvez uma contribuição cultural dos grupos sociais destas comunidades nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, um grupo de moradores constituiu uma Comissão Procriação do Grupo Escolar<sup>23</sup>. O êxito da campanha resultou na criação do Grupo Escolar de Campo Bom, pelo Decreto Estadual, n. 5.412, de 22 de agosto de 1933, como se identifica na figura 4:

**Figura 4** – Grupo Escolar de Campo Bom (1934).

---

<sup>23</sup> Dentre os integrantes estavam representantes da indústria e comércio. Cito: Emílio Haubrich, João Fritsch, Gustavo Vetter, Ernesto Kunz, Alfredo Spitzer, João Pedro Dias, Walter Thoen e as mães de alunos: Florência Pereira, Dalila Blos, Ida von Reisswitz Zerwes, Lídia Uhlmann Schneider, Lili Vetter Kunz e a professora Ida Guilhermina. Essa comissão fora assessora pela assessora da Secretaria de Educação, professora Camila Furtado Alves.





**Fonte:** (Relatório..., 1934).

A fotografia do grupo escolar, da figura 4, registra professoras e alunos na ocasião da visita do prefeito municipal de São Leopoldo, no ano de 1934. Identifica-se a presença da professora Ida Guilhermina, sua irmã Luiza e seu esposo João Francisco de Souza. É importante destacar que o prédio fora construído pelo industrial Gustavo Vetter e ainda preserva a fachada original, mesmo em estado de deterioração. Atualmente o prédio está desocupado e em péssimo estado de conservação.

De acordo com Evaldo Dreger (2018)<sup>24</sup>, um dos egressos deste grupo escolar, que fora entrevistado sobre as memórias da escola, o projeto de construção do grupo escolar foi do industrial Gustavo Vetter e seus amigos.

*"Foi do Gustavo Vetter e dos companheiros dele, pra construir um grupo escolar, que eles chamaram de grupo escolar Coronel Teodomiro Porto da Fonseca [...]. Então essa Dona Guilhermina,*

---

<sup>24</sup> Nasceu em Campo Bom, em 1924, foi um dos egressos do grupo escolar de Campo Bom que fora entrevistado. Foi um importante cidadão para o município, articulador no censo para emancipação, em 1959. Além disso, foi o primeiro vice-prefeito e posteriormente prefeito.

*Ilda Guilhermina Klinner era a professora que dava no início, mas numa sala de aula, onde todas as séries, 1º, 2º, 3º, 4º, 5º série era dado em conjunto, na casa particular dela. Depois, então, veio com a construção daquele prédio, que eles pra homenagear esse Intendente de São Leopoldo, que era esse Coronel Teodomiro Porto da Fonseca, eles deram o nome pra esse Grupo Escolar Teodomiro Porto da Fonseca, mas não podia usar, ele era vivo ainda, [incompreensível]. E depois eles saíram dali e exatamente essa data até 1937, quando eu recebi esse diploma, que depois passou a chamar, ser Ildefonso Pinto quando construíram lá na rua Maestro Amaral.”*

Ao analisar os relatórios da Instrução Pública de São Leopoldo, identifica-se que a administração municipal se preocupava com a educação no interior do município. O Distrito de Campo Bom refletia a concepção de uma época, em que a educação contribuiria para formação de “bons homens para pátria”. O prefeito municipal Theodomiro Porto da Fonseca argumenta:

A instrução primaria constitui sempre para a minha administração uma das mais evidentes preocupações. Tenho empregado os maiores esforços no sentido de disseminá-la, tanto quanto possível, dentro do município. A população colonial que compreende perfeitamente a necessidade que tem de bem conhecer a língua-pátria, recebe com o maior dos benefícios a criação de novos grupos escolares nos districtos, que vêm sempre satisfazer velhas aspeirações e cobrir necessidade que têm tanto de uteis como de patrióticas (SÃO LEOPOLDO, 1935, p. XX <sup>25</sup>).

O Grupo Escolar ficou conhecido, por curto período, como Grupo Escolar Theodomiro Porto da Fonseca e funcionou até 1934 em uma sala anexa à residência de D. Guilhermina, na Rua dos Andradas, n. 209. A casa atualmente não existe mais. A referida professora exerceu a docência entre 1927 e 1944, quando se aposentou como Diretora do Grupo. As memórias de Norma Zerwes, que fora aluna da professora Ida, assim resumem: “A professora D. Guilhermina destacou-se, desde logo em Campo Bom, pelo grau de excelência em sua atuação profissional” (ZERWES, 2000, p. 47).

O contexto do Estado Novo de Vargas, no final da década de 1930 e na primeira metade da década de 1940 contribuiu para o desenvolvimento do uso da língua vernácula como também procurou disseminar um sentimento nacionalista. Sobre este aspecto Celina de Souza (2018) e Vitalina Pereira (2018) rememoram

---

<sup>25</sup> A indicação das páginas está em números romanos.

e destacam em suas narrativas. Celina de Souza nasceu em 13/10/1930, em Rolante, filha de Otília Nunes Monteiro e Vidal Rodrigues e desde a primeira infância reside no município de Campo Bom. Embora tenha estudado no grupo escolar, não concluiu o ensino primário. Assim com a sua irmã, Vitalina Pereira que nasceu em 28/04/1934, em Morro Grande, 4º Distrito de Santo Antônio da Patrulha ela também desde muito pequena reside em Campo Bom. Sobre esse período que antecede o ingresso na escola, Celina expressa como era a vida da família, que migrava pelas cidades próximas da capital, em função do trabalho do pai que “cortava mato”:

*Meu pai e minha mãe trabalhavam na roça, nós era muito pobre, mas meu pai sempre botou os filho todos no colégio, todos tinham que estudar, aí nós chegava em casa e ia ajudar eles também, era o serviço que nós tinha que ajudar a fazer. Mas nós tivemos uma vida muito pobre... agora a gente tá bem, graças a Deus. (SOUZA, 2018).*

Celina de Souza (2018) e Vitalina Pereira (2018) evidenciam em suas narrativas que a devoção a Deus sempre esteve presente no contexto familiar e escolar. Rezar, agradecer e apresentar uma postura amável e subserviente é algo que se observa, nos gestos, na trajetória construída, no modo de vida e nas ações empenhadas pelas irmãs na comunidade em que se inseriram. As duas residem no bairro 25 de julho, muito próximas e a reunião da numerosa família parece ter sido um dos aspectos marcantes para ambas.

Quando chegaram a Campo Bom, a família constituída de 9 irmãos se instalou no bairro Santa Lúcia, no alto de um morro, distante do centro do município, onde funcionava a escola, como rememora Vitalina:

*Era uma casa grande assim, sem forro né, grande de madeira e de chão. Chão batido. E tinha só a rua que passava e ia pra Sapiranga era uma rua de chão também, muito feia, bem esburacada, era que ia pra Sapiranga e nós morava ali pertinho na Santa Lúcia (PEREIRA, 2018).*

As duas irmãs foram alunas da escola na década de 1940 e buscando registros nas atas de exames finais da instituição, não se identifica a frequência regular aos exames, mesmo que pelas memórias Celina e Vitalina tenham

ênfatisado que estudaram quatro ou cinco anos nesta escola. Sobre as aulas, assim se refere Celina:

*Nós tinha caderno, e escrevia na pedra também, e nós chegava (sic) lá e tinha que ler...levantava na classe e tinha que ler toda a página ali que ela dava para estudar, nós tinha que ler [...] nós tinha assim de pano, uma sacolinha de pano que bota os livro dentro. [...] Os caderno, livros, outras coisas assim ... lápis... tinha uma sacolinha de pano. (SOUZA, 2018)*

Pereira (2018) também indica o uso de uma pasta para levar os materiais escolares: "*o material nós levava assim num saquinho de pano que faziam, tipo que chamavam ... catapaço (sic), botava de lado. E a roupinha era uma sainha pregueada azul e com a blusinha branca com a gravatinha azul da mesma da sainha*". Nem sempre usavam o uniforme, mas nas ocasiões festivas, como os exames finais ou na atividade cívica era uso obrigatório. E os alunos que não tinham condições para adquirir, as professoras providenciavam, inclusive sapatos. Como o município é pioneiro na exportação de calçados para o fora do Brasil, havia um empenho grande das professoras para que os alunos estivessem bem apresentados durante as atividades e programações da Semana da Pátria.

Em 10 de fevereiro de 1934, foi criado o Grupo Escolar Sapiranga, denominado hoje Instituto Estadual Coronel Genuíno Sampaio. O atual Instituto Estadual Coronel Genuíno Sampaio, ou apenas "Genuíno Sampaio", tem sua história a partir da década de 1930, com a implantação do Grupo Escolar que posteriormente recebeu a designação de Grupo Escolar Coronel Genuíno Sampaio. Até 1975<sup>26</sup>, a instituição funcionou no prédio situado na Rua Carlos Biehl, número 108, e mesmo que fosse uma residência particular, demonstra que era um destacado prédio na municipalidade, como se observa na fotografia da figura 5, uma fachada ampla e com identificação da instituição:

---

<sup>26</sup> Em 1955, com a emancipação do município, o Curso Ginásial agrega-se a instituição. Em 1956 o prédio que abrigava o Grupo Escolar Coronel Genuíno Sampaio passou a oferecer o Curso Ginásial. Nesse sentido, na parte da manhã atendia-se os cinco anos do curso primário do grupo e no turno da tarde as quatro séries do ginásial. Em 1958, o curso ginásial passou a ser oferecido no período noturno e passou a funcionar a Escola Técnica de Comércio. Em 1962, a escola oferecia o Curso Ginásial, Científico e Colegial ou o Clássico. Além da oferta do Curso Normal Regional, nas modalidades de 1º. Ciclo e 2º. Ciclo havia o Curso de Comércio. Em 1969, o Grupo Escolar é transformado em Escola primária de aplicação da Escola Normal, para as alunas normalistas e, que atuavam em escolas da região, funcionando até 1972.

**Figura 5** – Grupo Escolar de Sapiranga, 1939[?].



**Fonte:** Acervo pessoal da professora Hélia Koetz Pereira.

O Grupo Escolar foi criado em 10 de fevereiro de 1934, através do Decreto n. 5.526, pelo Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, João Carlos Machado, no exercício da função de Interventor Federal. No final da década de 1930, o governador José Antônio Flores da Cunha denomina os grupos escolares para perpetuar nomes de personalidades ligadas ao desenvolvimento histórico ou educacional do Rio Grande do Sul. Através do Decreto n. 6.702 de 27 de agosto de 1937 passou a ser denominado Grupo Escolar Coronel Genuíno Sampaio. (SOUZA; COSTA, 2020).

Como argumenta Rosa Fátima de Souza (2019), a criação dos grupos escolares contribuiu para projetar uma determinada noção de forma escolar. Sobretudo, a configuração histórica que a criação dos grupos propõe, embora considerando as particularidades de cada localidade, região e estado da federação endossam as iniciativas de uma nova relação que a escola moderna propôs aquilo que se refere a constituição de uma autonomização das relações sociais, “convertendo a escola em um espaço específico de socialização vinculada à existência de saberes objetivados de socialização. “[...] o tempo escolar passa a vincular-se à regulamentação das condutas [...]” (SOUZA, 2019, p. 5). Cabe considerar ainda que este modelo dos Grupos escolares influenciou

concomitantemente na concepção arquitetônica da escola, bem como na composição material da escola, adotando outro tipo de mobília escolar e vasto material didático.

### **3. Considerações Finais**

A escolarização das crianças e dos jovens se consagrou entre o final do século XIX e início do século XX a partir de diferentes finalidades, instituições e projetos culturais que circunscreveram os modos, como a escola primária foi organizada. A disseminação de ideias positivistas; a influência de modelos de modernização; a valorização de um determinado tipo de grupo social e de uma cultura escolar foram práticas que contribuíram para o desenvolvimento dos processos de escolarização da população brasileira.

O investimento no setor educacional repercutiu na forma de escola implantada e/ou adaptada entre as décadas de 1930 a 1950, ou seja, o grupo escolar. Tomando como referência os dados estatísticos produzidos pelo Almanack Escolar do Rio Grande do Sul, que registra que em 1935 haviam 350 escolas estaduais com 350 professores e 510 aulas isoladas estaduais, subvencionadas, com 510 professores, 30 aulas reunidas, com 92 professores, e seis escolas complementares com 60 professores, 104 grupos escolares e 1.007 colégios complementares, além da Escola Normal de Porto Alegre (DIRETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1935).

Investigar os grupos escolares no Rio Grande do Sul, sobretudo, na primeira metade do século XX, pressupõe reconhecer suas relações com as escolas complementares e os colégios distritais, projetados no final do século XIX e implantados a partir de 1901. A criação das escolas não corresponde ao provimento imediato de docentes, embora, as escolas reunidas (fase transitória para os grupos escolares) tenham representado uma facilidade neste quesito. Nesse sentido, com a supressão das Escolas Complementares, a partir de 1909, o ensino graduado se institui no estado com a implantação dos Colégios Elementares.

A investigação dos grupos escolares, com ênfase a partir de 1915 até 1959 mantém uma relação direta com as ideias pedagógicas e as reformas educacionais

disseminadas nesse período, especialmente no que se refere ao movimento da escola nova. É importante destacar, ainda, que não apenas o currículo escolar foi influenciado por ideias pedagógicas da primeira metade do século XX, mas também, os saberes desenvolvidos na escola na formação do “homem ideal”.

O modelo dos Grupos escolares influenciou concomitantemente na concepção arquitetônica da escola, bem como na sua composição material, adotando outro tipo de mobília escolar e vasto material didático. A passagem pela instituição marca significativamente as trajetórias dos sujeitos, envolvendo a comunidade escolar com celebrações, implantando bibliotecas, caixa escolar, constituindo um rito e uma cultura escolar comprometida com uma concepção de cidadania, mesmo que a escola pública primária dessa primeira metade do século XX não tenha beneficiado todos os estudantes, a sua presença desempenhou um reconhecido papel na formação do caráter e forjou nesse grupo específico de estudantes uma identidade regional e nacional associada ao sentimento pátrio.

## Referências

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. *Ensino de leitura e grupos escolares: Mato Grosso 1910-1930*. Cuiabá: EdUFMT, 2008.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. *Grupos escolares em Sergipe (1911 - 1930): cultura escolar, civilização e escolarização da infância*. Natal: EDUFRN, 2009.

AZEVEDO, Crislane Barbosa.; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. *Escola da ordem e do progresso: grupos escolares em Sergipe e no Rio Grande do Norte*. Brasília: Liber Livro, 2012.

BASTOS, Maria Helena Câmara. *A revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista*. Pelotas: Seiva, 2005.

BASTOS, Maria Helena Câmara; TAMBARA, Elomar Antônio. A escola nova no Rio Grande do Sul: eventos e atores em cena. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAUJO, José Carlos Souza (org.). *Reformas educacionais: as manifestações da escola nova no Brasil (1920 a 1946)*. Campinas: Autores Associadas, 2011. p. 363-384. (Coleção Memória da Educação).

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A dívida republicana: a escola modelar a freio do progresso a reforma moral e intelectual. In: CARVALHO, Marta Maria

Chagas de. *A escola e a República e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 9-80.

DIRETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA. *Almanack escolar do Estado do Rio Grande Do Sul*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1935. Edição Oficial.

DREGER, Evaldo. *Entrevista oral sobre os modos de organizar a escola primária no Rio Grande do Sul*. [Entrevista concedida a] José Edimar de Souza. Campo Bom: [s. n.], 6 de fevereiro de 2018.

DREHER, Martin Norberto. Apontamentos para a história da Comunidade Evangélica de Campo Bom. In: SPERB, Ângela Teresa (org.). *Sal da Terra: 160 anos da comunidade e escola evangélica de Campo Bom*. Canoas: La Salle, 1992. p. 13-46.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolares em Belo Horizonte (1906 – 1918)*. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

GERTZ, René. Apresentação. A câmara de vereadores de São Leopoldo de 1846 a 1937. In: SILVA, Haike Roselane Kleber da Silva; GERMANO, Moehlecke; PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; GERTZ, René Ernaini; HARRES, Marluza Marques; CÉSAR, Benedito Tadeu; DREHER, Martin Norberto; RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz; AREND, Isabel Cristina; CARDOSO, Márcia Blanco; WEBER, Roswithia (org.). *A história da Câmara na história: 160 anos da Câmara Municipal de Vereadores de São Leopoldo*. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 56-71.

GONÇALVES NETO, Wenceslau; CARVALHO, Carlos Henrique de. Instituições escolares e história da educação brasileira: análise dos CBHE e do NEPE-UFU. *Quaestio: Revista de Estudos em Educação, Sorocaba*, v. 22, n. 1, p. 51–71, 2020. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/3579>. Acesso em: 2 set. 2021.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. Instituições escolares e cultura escolar na pauta acadêmica: um breve recorrido a modo de prefácio (décadas de 1990-2010). In: RIPE, Fernando.; SOUZA, José Edimar de.; OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. (org.). *História e historiografia da educação no Rio Grande do Sul: instituições, culturas e práticas educativas*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. p. 11-18.

MAGALHÃES, Justino. *Da cadeira ao banco: escola e modernização (séculos XVIII-XX)*. Lisboa: EDUCA: Unidade I&D de Ciências da Educação, 2010.

MAGALHÃES, Justino. *Tecendo nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MUNICÍPIO DE SÃO LEOPOLDO. *Relatório de 1934 apresentado ao Exmo. Snr General Interventor Federal Dr. José Antonio Flores da Cunha pelo Prefeito*



*Municipal de São Leopoldo Theodomiro Porto da Fonseca*. São Leopoldo: Oficinas Gráficas Rotermund & Co, 1935.

NOSELLA, Paulo; BUFFA, Ester. *Instituições escolares: porque e como pesquisar*. 2. ed. Campinas: Alínea, 2013.

*O 5 DE ABRIL*. Pleitea-se a sua elevação à categoria de Collegio Elementar. Novo Hamburgo, ano 10, n. 8, 5 jun. 1936. p. 2. *Jornal Grupo Escolar Pedro II*.

*O 5 DE ABRIL*. Novo edifício do Grupo Escolar D. Pedro II. Novo Hamburgo, ano 16, n. 3, 14 jul. mês 1942. *Jornal Grupo Escolar Pedro II*.

*O 5 DE ABRIL*. Novo Hamburgo, ano 5, n. 3, 15 jul. 1935. *Jornal Grupo Escolar Pedro II*.

*O 5 DE ABRIL*. Novo Hamburgo, ano 9, n. 3, 15 jul. 1935. *Jornal Grupo Escolar Pedro II*.

OLIVEIRA, Rosana Carla; WARDE, Mirian Jorge. Tipos de escola primária e seus diferentes alcances sociais: algumas fontes de 1938 a 1946. *Dialogia*, São Paulo, n. 37, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/19774/8948>. Acesso em: 26 maio 2022.

PEREIRA, Vitalina. *Entrevista oral sobre os modos de organizar a escola primária no Rio Grande do Sul*. [Entrevista concedida a] José Edimar de Souza. Campo Bom: [s. n.], 6 de março de 2018.

PERES, Eliane Teresinha. *Aprendendo formas de pensar, de sentir e de agir - A escola como oficina da vida: discursos pedagógicos e práticas escolares da escola pública primária gaúcha (1909 – 1959)*. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/hisales/files/2015/02/Tese-Eliane-Peres.pdf>. Acesso em: 26 maio 2022.

PERES, Eliane Teresinha. Currículo e práticas escolares da escola primária gaúcha no período da implantação da escola graduada e da institucionalização da modernidade pedagógica (1909-1959). In: GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. (org.). *Colégios elementares e grupos escolares no Rio Grande do Sul: memórias e cultura escolar Séculos XIX e XX*. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 30-64.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira Pinheiro. *Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba*. Campinas: Autores Associados, 2002. (Coleção educação contemporânea).

RELATÓRIO de Intendência Municipal de São Leopoldo. 1934. SÃO LEOPOLDO. *Relatório de 1934 apresentado ao Exmo. Snr General Interventor Federal Dr. José Antonio Flores da Cunha pelo Prefeito Municipal de São Leopoldo*

*Theodomiro Porto da Fonseca*. São Leopoldo: Oficinas Gráficas Rotermond & Co, 1935.

REVEL, Jacques. *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: UFPR, 2010.

SÁ, Nicanor Palhares; SILVA, Elizabeth Figueira de Sá Poubel e (org.). *Revisitando a história da escola primária: os grupos escolares em Mato Grosso na primeira República*. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

SANTOS, Ademir Valdir dos; VECHIA, Ariclê. As escolas que construímos: a história de instituições escolares na Revista Brasileira de História da Educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 19, p. 1-26, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/47235/pdf>. Acesso em: 26 maio 2022.

SILVA, Diana Rocha da. *A institucionalização dos grupos escolares no Maranhão (1903-1920)*. São Luís: Editora UEMA, 2015.

SOUZA, Celina de. *Entrevista oral sobre os modos de organizar a escola primária no Rio Grande do Sul*. [Entrevista concedi a] José Edimar de Souza. Campo Bom: [s. n.], 1 de março de 2018.

SOUZA, José Edimar de (org.). *Escola no Rio Grande do Sul (1889-1950): ensino, cultura e práticas escolares*. Caxias do Sul: EDUCS, 2020.

SOUZA, José Edimar de (org.). *Grupo escolar no Rio Grande do Sul: escolarização primária em perspectiva regional no século XX*. São Leopoldo: Oikos, 2021.

SOUZA, José Edimar de. *As escolas isoladas: práticas e culturas escolares no meio rural de Lomba Grande/RS (1940 a 1952)*. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3660>. Acesso em: 26 maio 2022.

SOUZA, José Edimar de.; COSTA, Valesca Brasil. Escolarização em Sapiranga/RS nas primeiras décadas do século XX: a presença dos grupos escolares. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, Macapá, v. 13, n. 2, p. 489-503, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs>. Acesso em: 2 fev. 2022.

SOUZA, Rosa Fátima de. A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a historiografia da educação brasileira: reflexões para debate. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 19, p. 1-24, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/47241/pdf>. Acesso em: 26 maio 2022.

SOUZA, Rosa Fátima de.; PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira.; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho (org.). *História da Escola Primária no Brasil: Investigação em perspectiva comparada em âmbito nacional*. Aracaju: EDISE, 2015.

SOUZA, Rosa Fátima de; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 15-46. Disponível em: [https://www.academia.edu/42048530/GRUPOS\\_ESCOLARES\\_CULTURA\\_ESCOLA\\_R\\_PRIM%C3%81RIA\\_E\\_ESCOLARIZA%C3%87%C3%83O\\_DA\\_INF%C3%82NCIA\\_NO\\_BRASIL\\_1893\\_1971](https://www.academia.edu/42048530/GRUPOS_ESCOLARES_CULTURA_ESCOLA_R_PRIM%C3%81RIA_E_ESCOLARIZA%C3%87%C3%83O_DA_INF%C3%82NCIA_NO_BRASIL_1893_1971). Acesso em: 26 maio 2022.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1889-1910)*. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

SPOHR, Gastão. *Reminiscências*. [S. l.: s. n.], [1965?]. Acervo do Colégio 25 de Julho, folhas datilografadas.

STOCKER JUNIOR, Jorge Luís. Fotografias antigas como forma de interpretar o passado... e o Álbum Comemorativo de Campo Bom em 1926. *Dzeitrs*, [S. l.], 14 maio 2010. Disponível em: <http://dzeit.blogspot.com/2010/05/fotografias-antigas-como-forma-de.html>. Acesso em: 26 maio 2022.

TAMBARA, Elomar Antônio Calegare. Cartografia da gênese e consolidação do modelo republicano-castilhistas de educação primária no Rio Grande do Sul: o papel do "intelectual operador" Manuel Pacheco Prates (1894-1911). In: GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. (org.). *Colégios elementares e grupos escolares no Rio Grande do Sul: memórias e cultura escolar Séculos XIX e XX*. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 12-29.

VIDAL, Diana Gonçalves. Tecendo história (e recriando memória) da escola primária e da infância no Brasil: os grupos escolares em foco. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 3-14. Disponível em: [https://www.academia.edu/42048530/GRUPOS\\_ESCOLARES\\_CULTURA\\_ESCOLA\\_R\\_PRIM%C3%81RIA\\_E\\_ESCOLARIZA%C3%87%C3%83O\\_DA\\_INF%C3%82NCIA\\_NO\\_BRASIL\\_1893\\_1971](https://www.academia.edu/42048530/GRUPOS_ESCOLARES_CULTURA_ESCOLA_R_PRIM%C3%81RIA_E_ESCOLARIZA%C3%87%C3%83O_DA_INF%C3%82NCIA_NO_BRASIL_1893_1971). Acesso em: 26 maio 2022.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO BENITO, Augustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ZERWES, Norma. *Compartilhando lembranças de um percurso de vida*. Campo Bom: Papuesta, 2000.

*Recebido em 10 de março de 2022  
Aprovado em 10 de maio de 2022*